

DEZ NOVOS ALUNOS

Naquela manhã, ainda eu mal passava de um rapaz, estava sentado num banco corrido no exterior de uma escola. Estava abrigado sob o ramo de uma velha samambaia. O meu pai estava sentado ao meu lado, o seu braço sobre os meus ombros, enquanto assentia e sorria a cada pai e filho sentado no banco à nossa frente. Era um dia importante: o primeiro dia da escola básica.

Na extremidade desses bancos corridos encontrava-se uma porta aberta e no interior uma sala de aulas vazia. A armação da porta estava torta. Na verdade, toda a escola estava inclinada, como se fosse ruir a qualquer momento. Na soleira da porta estavam dois professores, como anfitriões a darem as boas-vindas a convidados para uma festa. Um deles era um homem idoso com um rosto paciente, Bapak K. A. Harfan Effendy Noor, ou Pak Harfan — o diretor da escola —, e a outra, uma mulher ainda jovem usando um *jilbab*, ou véu, Ibu N. A. Muslimah Hafsari, ou Bu Mus para abreviar. Tal como o meu pai, sorriam.

No entanto, o sorriso de Bu Mus era um sorriso forçado: ela estava apreensiva. O seu rosto estava tenso, contorcendo-se nervosamente. Insistia em contar o número de crianças sentadas nos bancos corridos, e estava tão preocupada que nem prestava atenção à transpiração que lhe caía sobre as pálpebras. O suor borrara o pó da sua maquilhagem, criando-lhe riscos no rosto e fazendo-a parecer-se com a aia da rainha de *Dul Muluk*, uma antiga peça da nossa povoação.

— Nove crianças, apenas nove, Pamanda Guru, ainda nos falta uma — disse ela, num tom ansioso ao diretor. Pak Harfan olhou para ela com uma expressão vazia nos olhos.

Também eu me sentia ansioso. Ansioso devido à inquietação de Bu Mus e devido à sensação do fardo do meu pai a espalhar-se por todo o meu corpo. Embora naquela manhã ele parecesse estar à vontade, o seu braço pesado pousado à volta do meu pescoço denunciava a aceleração do seu ritmo cardíaco. Não era fácil para um mineiro de quarenta e sete anos, com muitos filhos e um pequeno salário enviar um dos filhos para a escola. Teria sido muito mais fácil pôr-me a trabalhar como ajudante na banca de um merceiro chinês no mercado ou mandar-me para o litoral trabalhar como *coolie*¹ para ajudar a suportar os fardos financeiros da família. Enviar uma criança para a escola significava submeter-se a anos de despesas, e para a nossa família esse não era um assunto fácil.

Meu pobre pai.

Não tinha coragem de o olhar nos olhos.

O meu pai não era o único que tremia. Os rostos dos outros pais mostravam que os seus pensamentos, tal como os do meu, se desviavam para o mercado matinal e imaginavam os filhos em melhores condições como trabalhadores. Aqueles pais não estavam convencidos de que a educação dos seus filhos (que eles apenas podiam pagar até ao segundo ciclo do básico) pudesse abrilhantar os futuros das suas famílias. Naquela manhã tinham sido forçados a estar naquela escola, ou para evitar recriminações por parte dos funcionários governamentais por não mandarem os filhos para a escola, ou para se submeterem às exigências modernas de libertar os filhos do analfabetismo.

Eu conhecia todos os pais e crianças sentados à minha frente — exceto um rapazinho sujo, de cabelo ruivo e encaracolado, que se tentava soltar do amplexo do pai. O seu pai estava descalço e usava calças de algodão baratas.

Os restantes eram os meus bons amigos: Trapani, sentado ao colo da mãe; ou Kucai, sentado ao lado do pai; ou Sahara, que instantes antes ficara muito zangada com a mãe porque queria entrar imediatamente para a sala de aulas; ou Syahdan, que estava sozinho. Éramos vizinhos, malaios belitong da comunidade mais pobre da

¹ Nome dado aos trabalhadores braçais oriundos da Ásia. (NT)

ilha. Quanto àquela escola, a Escola Básica Muhammadiyah, também era a mais pobre, a mais pobre das escolas de aldeia de Belitong. Só havia três motivos para os pais inscreverem ali os filhos. Primeiro, a Básica Muhammadiyah não requeria o pagamento de qualquer valor e os pais contribuía com aquilo que podiam pagar, sempre que o pudessem fazer. Segundo, os pais temiam que os seus filhos tivessem personalidades fracas e pudessem ser facilmente desviados pelo Diabo, por isso queriam que eles tivessem uma forte orientação islâmica desde tenra idade. Terceiro, os seus filhos não eram aceites em mais nenhuma escola.

Bu Mus, que se impacientava cada vez mais à medida que o tempo passava, olhou para a estrada principal, esperando poder ver o outro novo aluno. Ver a sua vã esperança assustava-nos. O Departamento de Educação e Cultura da Samatra Meridional emitira um aviso: se a Escola Básica Muhammadiyah tivesse menos de dez novos alunos, então a escola mais antiga de Belitong seria fechada. Por isso, Bu Mus e Pak Harfan estavam preocupados por ela poder fechar, os pais estavam preocupados com as despesas e nós — as nove crianças apanhadas no meio — estávamos preocupados pela perspectiva de nem sequer termos a oportunidade de frequentar a escola.

No ano anterior, a Básica Muhammadiyah tivera apenas onze alunos. Naquele ano, Pak Harfan mostrava-se pessimista. Preparara secretamente um discurso para o encerramento da escola.

— Vamos esperar até às onze horas — disse Pak Harfan a Bu Mus e aos pais já sem esperanças.

Mantivemo-nos calados. O rosto de Bu Mus estava inchado, por conter as lágrimas. Aquele era o seu primeiro dia como professora, um momento com o qual sonhara durante muito tempo. Tinha acabado de se formar na Sekolah Kependaian Putri (Escola Vocacional Feminina), uma escola do segundo ciclo do básico situada na capital da regência, Tanjung Pandan. Tinha apenas quinze anos. Estava parada como uma estátua debaixo da sineta, a olhar para o recreio amplo e para a estrada principal. Ninguém apareceu. O Sol ergueu-se mais alto, para se encontrar com o meio do dia. Esperar por mais alunos era como tentar apanhar o vento.

Eu e as outras crianças estávamos destroçados. As nossas cabeças pendiam baixas.

Às cinco para as onze, Bu Mus já não conseguia esconder o seu desânimo. Os seus sonhos grandiosos para aquela escola pobre estavam prestes a desfazer-se ainda antes de poderem levantar voo; e os trinta e dois anos de um serviço fiel e não remunerado de Pak Harfan estavam prestes a chegar ao fim.

— Só nove alunos, Pamanda Guru — disse Bu Mus. Não estava a pensar com lucidez, repetindo aquilo que já todos sabiam.

Por fim, o tempo terminara. Passavam cinco minutos das onze e o número total de alunos ainda não atingia os dez. Afastei dos ombros o braço do meu pai. Sahara soluçava nos braços da mãe. Calçava meias e sapatos e usava um *jilbab* e uma blusa; também tinha livros, uma garrafa de água e uma mochila — tudo novo.

Pak Harfan aproximou-se dos pais e cumprimentou-os um a um. Era devastador. Os pais deram-lhe palmadinhas nas costas para o consolar e os olhos de Bu Mus brilhavam ao encherem-se de lágrimas. Pak Harfan preparou-se para proferir o seu discurso final. Quando proferia as suas primeiras palavras, «*Assalamu'alaikum*, Que a paz esteja convosco», Trapani gritou e apontou para a extremidade do recreio, assustando toda a gente.

— Harun!

Virámo-nos para olhar. À distância, um rapaz alto e magricela encaminhava-se desajeitadamente na nossa direção. A sua roupa e cabelo estavam impecáveis. Usava uma camisa branca de mangas compridas, enfiada nos calções. Ao mover-se, os seus joelhos batiam um contra o outro, formando um X, enquanto o seu corpo oscilava. Uma mulher gorducha de meia-idade tentava acompanhá-lo, com grande dificuldade. Aquele rapaz era Harun, um rapaz engraçado e um dos nossos melhores amigos. Já tinha quinze anos, a mesma idade de Bu Mus, mas mentalmente estava um pouco atrasado. Parecia muitíssimo feliz e quase corria, como se mal conseguisse esperar para se aproximar de nós. A sua mãe tropeçava atrás dele, tentando agarrar-lhe a mão. Quando pararam em frente de Pak Harfan, estavam quase sem fôlego.

— Bapak Guru — disse a sua mãe, arquejante. — Por favor, aceite o Harun. A escola para crianças com necessidades especiais fica na ilha Bangka. Não temos dinheiro para o mandar para lá. E, ainda mais importante, é melhor que ele esteja nesta escola do que em casa, onde se limita a perseguir as minhas galinhas.

Harun sorria abertamente, exibindo uns dentes compridos e amarelados.

Pak Harfan também sorria. Olhou para Bu Mus, e encolheu os ombros.

— Temos dez — disse ele.

Harun salvara-nos! Soltámos aclamações e aplausos. Sahara, que não conseguiu manter-se mais tempo sentada, levantou-se para ajeitar as pregas do seu *jilbab* e colocou firmemente a mochila às costas. Bu Mus corou. As suas lágrimas pararam e limpou o suor do rosto, manchado pela maquilhagem.

O HOMEM-PINHEIRO

Bu Mus parecia-se com um gigantesco lírio dos Himalaias em botão — o seu véu tinha a cor branca e suave de um lírio e a sua roupa exalava o aroma a baunilha dessa flor. Aproximou-se de cada um dos pais sentados nos bancos corridos, entabulando uma conversa amistosa antes de fazer a chamada dos presentes. Já todos tinham entrado na sala de aulas e arranjado os seus companheiros de carteira, exceto eu e aquele rapazinho sujo de cabelo ruivo e encaracolado que ainda não conhecia. Ele não se conseguia manter quieto e cheirava a borracha queimada.

— Pak Cik, o seu filho vai partilhar uma carteira com Lintang — disse Bu Mus ao meu pai.

Oh, então era aquele o seu nome, Lintang. Que nome tão estranho.

Ao ouvir aquela decisão, Lintang soltou-se e afastou-se das mãos do pai, depois saltou e apressou-se a entrar na sala para encontrar sozinho o seu lugar. Era como uma criancinha sentada num pónei — encantada, sem querer desmontar. Acabara de saltar sobre o destino e agarrara a educação pelos chifres.

Bu Mus aproximou-se do pai de Lintang. Aquele assemelhava-se a um pinheiro, atingido por um raio: escuro, ressequido, magro e rígido. Era pescador, mas o seu rosto era semelhante ao de um pastor bondoso, mostrando que ele era um homem gentil, esperançoso e de bom coração. Ao contrário de outros pescadores, falava em voz baixa. Contudo, como a maior parte dos indonésios, não estava consciente de que a educação era um direito humano básico.

A família de Lintang era de Tanjong Kelumpang, uma aldeia não muito afastada da costa marítima. Para se poder ali chegar, tinha de se atravessar quatro zonas cheias de palmeiras, lugares pantanosos que arrepiavam as pessoas da nossa povoação. Nessas assustadoras zonas de palmeiras, não era invulgar encontrar um crocodilo tão grande como um coqueiro a atravessar a estrada. A aldeia costeira de Lintang situava-se na parte mais oriental de Samatra, e pode dizer-se que era a zona mais isolada e empobrecida da ilha Belitong. Para Lintang, a cidade-distrito da nossa escola era como uma cidade cosmopolita, e para ali chegar ele tinha de iniciar a sua viagem de bicicleta à hora do Subuh, a oração do alvorecer, por volta das quatro da madrugada.

Sem dúvida que todas as anteriores gerações masculinas da sua família tinham sido incapazes de se erguer da pobreza, tornando-se inevitavelmente pescadores na comunidade malaia. Esses pescadores eram incapazes de trabalhar para si mesmos — não por falta de mar, mas por falta de barcos. Naquele ano, o pai de Lintang quisera interromper aquele ciclo. Lintang, o seu filho mais velho, não se iria tornar um pescador como ele. Em vez disso, Lintang sentar-se-ia ao lado de outro rapazinho de cabelo encaracolado — eu —, e deslocar-se-ia todos os dias para a escola e para casa de bicicleta. Se a sua verdadeira vocação fosse ser pescador, então a viagem de quarenta quilómetros sobre uma estrada de gravilha vermelha acabaria com a sua determinação. Aquele cheiro a queimado que eu detetara anteriormente era na verdade o cheiro das suas sandálias *cunghai*, feitas de pneus de carros. Estavam gastas, porque Lintang pedalara na sua bicicleta durante muito tempo. Ah! Uma criança tão pequena...

Quando apanhei Lintang dentro da sala de aulas, ele cumprimentou-me com um forte aperto de mão. Falava sem parar, cheio de interesse, num engraçado dialeto de Belitong, típico daquelas zonas remotas. Os seus olhos iluminaram-se enquanto olhava animadamente à volta da sala. Era como uma beldroega. Quando gotas de água caem sobre as suas pétalas, ela lança pólen — brilhante, em botão e cheia de vida.

Bu Mus distribuiu então formulários para todos os pais preencherem com os seus nomes, profissões e moradas. Todos os pais estavam ocupados a preencher o formulário, exceto o pai de Lintang. O formulário era como um objeto alienígena nas suas mãos. Levantou-se com uma expressão perplexa.

— Ibu Guru — disse, lentamente —, desculpe-me, mas não sei ler nem escrever.

Depois, num tom lamentoso, acrescentou que nem sequer sabia o ano em que nascera. De repente, Lintang levantou-se do lugar onde estava sentado, aproximou-se do pai, tirou-lhe o formulário das mãos e exclamou:

— Daqui a algum tempo, quando tiver aprendido a ler e a escrever, serei eu mesmo a preencher este formulário, Ibunda Guru!

Ficámos todos espantados por ver Lintang, uma criança tão pequena, a defender o pai. A sua cabeça girava como a de uma coruja. Para ele, a miscelânea da sala de aulas — uma régua de madeira, um vaso de barro do projeto de arte de um aluno do sexto ano, em cima da secretária de Bu Mus, o quadro antiquado e o giz espalhado pelo chão da sala, algum do qual já transformado em pó — era absolutamente surpreendente.

Com um sorriso amargo, o homem-pinheiro observou o filho a ficar cada vez mais entusiasmado. Compreendi-o. Aquele era um homem que nem sabia qual a data do seu nascimento, a imaginar o coração destroçado do filho se ele tivesse de desistir no primeiro ou segundo ano do segundo ciclo do básico pelos habituais motivos do dinheiro ou das exigências injustas da vida. Para ele, a educação era um enigma.

Aquela manhã ficará comigo durante décadas. Naquela manhã, vi Lintang a pegar desajeitadamente num enorme lápis por afiar, como se estivesse a segurar uma faca comprida. O pai comprara-lhe o tipo errado de lápis. Tinha duas cores diferentes, uma ponta vermelha e outra azul. Não era aquele o tipo de lápis que os alfaia-tes usavam para fazer marcações na roupa? Ou os sapateiros para marcar o couro? Qualquer que fosse aquele tipo de lápis, não servia de modo algum para escrever.

O caderno que o pai lhe comprara também não era o indicado. Tinha uma capa azul-escura e era de três linhas. Não era o gênero de caderno que iríamos usar no segundo ano quando tivéssemos aprendido a escrever em cursivo? Mas aquilo que nunca esquecerei é que, naquela manhã, vi um rapaz do litoral, o meu companheiro de carteira, a segurar um lápis e um caderno pela primeira vez. E, em anos futuros, tudo aquilo que ele escreveria seria fruto de uma mente brilhante, e cada frase que proferiria iria atuar como uma luz radiosa. E, à medida que o tempo passava, aquele rapaz pobre do litoral iria fazer desaparecer a nuvem escura que durante tanto tempo ensombrara aquela escola, enquanto ele evolvia para se transformar na pessoa mais brilhante que conheci em toda a minha vida.